



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 4 DE MARÇO DE 1958.

NA SOLENIDADE DE REABERTURA DOS
CURSOS DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA.

Sejam as minhas primeiras palavras, ao início das 348
atividades nos cursos da Escola Superior de Guerra
neste ano, de confiança e de solidariedade para com a
obra que aqui se realiza. Houvesse podido contar há
mais tempo com esta instituição e muito teria lucrado
nosso país no sentido de maior integração de suas
elites na realidade nacional e mais profunda penetra-
ção nos problemas que o mundo moderno vem en-
frentando.

349 Não se puderam valer os homens que tiveram de orientar esta nação, no processo de seu desenvolvimento, de fontes de informação e de interpretação imparciais, de cursos superiores e de altos estudos em que meticulosa e metódicamente se forma a capacidade de orientar e de decidir, para esta arte, entre tôdas a mais difícil, a mais delicada, a mais perigosa, que é dirigir a coisa pública, administrando, exercendo a defesa da nação, zelando e revigorando a segurança do país em todos os planos.

350 Não nos tivesse faltado por tanto tempo o mesmo espírito que provocou o nascimento desta Escola Superior de Guerra, e bem mais dilatada teria sido hoje a área de nosso desenvolvimento, mais intenso seu ritmo e menos exposto teria estado o Brasil às crises que o vieram e vêm ameaçando.

351 Nesta Escola Superior de Guerra estão reunidos civis e militares, e reunidos para, entre outros objetivos, meditar sobre os problemas ligados à segurança nacional, no seu mais amplo sentido.

352 Aprendemos, todos nós, graças a muitas dificuldades, tropeços e perigos, ser impossível a um país defender-se e sobreviver, sem planificar, sem prever, sem conhecer o que importa conhecer não apenas em superfície, mas principalmente em profundidade. No mundo de hoje, em que a luta em todos os setores se tornou tão áspera e tormentosa, conseguem manter-se independentes apenas aquelas nações que contam com a assistência de instituições como esta, em que se aprende a comandar. E comandar quer dizer, aqui, compreender. Não há comando sem compreensão ou inteligência dos problemas.

353 É certo que nos valeram muito, durante longos anos, notadamente os do Império, a intuição e as qua-

lidades de bom-senso, de comedimento, as virtudes morais, a prudência de numerosos cidadãos que se engrandeceram, engrandecendo o país. Colocava-se, com facilidade, nossa naturalmente reduzida elite, nos postos de comando da nação.

Mas não será preciso lembrar-vos que a vida se transformou em menos de meio século de maneira quase que irreconhecível, que tudo se tornou mais amplo, mais rápido e que se acumularam tais fatores no desenvolvimento do poderio humano, que não há outro meio senão o de usar para efeitos de segurança e desenvolvimento os instrumentos que as técnicas de hoje oferecem continuamente. Se isto não se verificar, a nação não cumprirá o seu primeiro dever no plano material, o dever imperativo de sua própria dignidade, manter-se atual, ou, se me é permitido dizer, contemporânea de seu próprio tempo. Essencialmente, a tarefa desta Escola é promover não só a formação de elites ativas mas abrir-lhes as vias de acesso aos postos de comando e o caminho pelo qual a nação encontrará seus líderes naturais. 354

Não deixou de ser considerável o trabalho de defesa de nossa pátria no passado, se tomarmos em consideração as condições precárias em que se verificou; é impossível deixar de louvar sempre o grande mérito de se ter primeiro formado e em seguida preservado a unidade nacional. Mas a preservação da unidade nacional é matéria invariável de todos os dias, e que não deve ser descuidada sem risco, pois me parece que o essencial para o trabalho de segurança é a consciência do risco, o sentido do perigo, a noção de não nos surpreendermos, de uma hora para outra, pelos imprevistos. Não há defesa sem essa noção de responsabilidade. 355

356 Quero, aproveitando-me do ensejo da abertura dos cursos desta Escola, em que o Brasil é tão bem representado, todos os anos, pelas suas elites militares e civis, afirmar-vos que o atual Governo do Brasil tem em devida conta todos os fatores adversários da presente conjuntura; e que a esperança, o otimismo, o desejo de construir, o senso do que é preciso para evitar o estrangulamento do progresso, não apenas desejado, mas exigido pela segurança, em virtude de nosso crescimento vegetativo, nos obrigam, umas vêzes a ampliar, outras mais a criar, em tempo *record*, através de grandes obras de infra-estrutura, as condições de desenvolvimento.

357 Numa Escola Superior de Guerra é curial que um homem, que exerce pelas suas funções presidenciais a Chefia das Fôrças Armadas, reafirme manter atenção vigilante em face de uma hora extremamente delicada, numa hora que requer o exercício de uma consciência alerta.

358 Não há dúvida, e nenhum céptico será capaz de negá-lo, que o Brasil acelerou sua marcha; mas a própria conseqüência dessa aceleração é o agrupamento de instâncias que começam a ser feitas por contingências de nossa formação econômica.

359 Durante muito tempo não atentamos para a marcha do mundo, e por isto temos de pagar. Enquanto foram crescendo as nossas exigências internas, enquanto tivemos de enfrentar despesas e gastos no exterior para atender ao surto de uma industrialização que se iniciou tarde, não cuidamos de aumentar as relações de intercâmbio comercial com o estrangeiro, para fazer face ao que ainda precisamos comprar para equipar-nos. Tivemos no café uma base generosa, providencial, a que devemos imensamente, mas perigosa

ao mesmo tempo, não apenas pelas flutuações dessa fonte de riqueza, mas porque é precário dever-se demais e dever-se quase que exclusivamente a um só fator.

O exemplo é pertinente e suscita uma pergunta óbvia: — É possível a uma nação como esta, que já atinge ponderável densidade demográfica, satisfazer as exigências de sua expansão, com a maior parte do peso do que é necessário para comprar fora de suas fronteiras, apoiado no café? Poderemos continuar respirando para o mundo exterior, de onde nos é indispensável receber experiências técnicas e equipamentos — uma vez que mal iniciamos a fabricação das nossas máquinas — com o corpo nacional apoiado em produtos agrícolas que começam a sofrer concorrência por toda parte? A resposta é clara. 360

Temos de exportar mais, temos de variar e aumentar as nossas exportações e, ao mesmo tempo, continuar defendendo o café por todos os modos justos e sensatos. 361

Não estou falando tangido pela atualidade do assunto. Na minha campanha de candidato à Presidência da República, disse e repeti em toda parte que não podíamos marchar mais adiante sem alongarmos, sem diversificarmos as nossas exportações. Usei mesmo, para tornar mais acessível a inteligência da situação, da imagem de que, nas condições em que vivemos, nosso país era uma espécie de grande edifício apoiado numa só coluna: o café. As dificuldades por que estamos passando se haviam tornado visíveis há muito tempo. Não se descuidou o Governo, como bem o demonstram os resultados colhidos no Convênio do México e na Conferência Cafeeira do Rio de Janeiro. 362

A política cafeeira em vigor pretende a estabilidade dos preços de forma a garantir remuneração razoável ao produtor e a manutenção de um nível de ingresso de divisas indispensável às necessidades da nação e ao seu desenvolvimento econômico.

Os efeitos do ciclo de superprodução do café, no qual já ingressamos, podem ser grandemente atenuados por medidas tais como:

1 — Atitude firme e determinada do Governo que divida os ônus da crise entre: Governo, produtor nacional e outros países produtores, e defesa contra os agentes da desvalorização, evitando que precipitem o café no plano inclinado do aviltamento dos preços.

2 — Promover, no âmbito internacional, acôrdos para estabilização da economia cafeeira. Com êsse objetivos firmamos o Acôrdo do México, do qual participam, além do Brasil, seis dos maiores produtores mundiais, e apoiamos a Organização Internacional do Café, criada na Conferência celebrada nesta capital, em janeiro próximo passado, da qual farão parte, além de todos os países produtores da América Latina, produtores africanos.

3 — Intensa propaganda e promoção (que está também entre os objetivos da Organização Internacional do Café.

4 — Incentivo à melhoria de qualidade e da produtividade, desencorajando a produção marginal.

5 — Instalação da indústria de café solúvel, obedecendo às conquistas do moderno progresso da técnica.

6 — Empregar o café para a aquisição de bens de produção e consumo, principalmente no que se refere aos programas de desenvolvimento econômico,

poupando divisas, criando novos mercados e alargando os já existentes.

Este, que focalizo a título de exemplo, está longe 365
de ser um problema exclusivamente econômico — é
um problema de defesa, é um problema de segurança.

Impõe-se dizê-lo e repeti-lo: o processo de evolu- 366
ção econômica se funda no conceito, sobremaneira di-
nâmico, de segurança nacional. Ainda há pouco, num
dos mais famosos livros da atualidade, "A nova
classe", o autor encontrava, na evolução material dos
chamados países subdesenvolvidos ou pouco desen-
volvidos, um refuto fundamental e um formal des-
mentido ao hermetismo das fórmulas genéricas
do marxismo. No quadro brasileiro, a segurança na-
cional condiciona todo o programa de ação que,
apesar dos mais variados obstáculos, das mais in-
gentes dificuldades, estou levando adiante no campo
econômico, graças a tal associação; êsse programa
se reveste de uma generalizada unidade, possui
organicidade, alicerces sólidos e, mais do que tudo,
autenticidade. Tem condições próprias de vida pró-
pria e realizar-se-á porque sua concepção obedeceu a
um estudo complexo no qual o conceito de segurança
nacional forneceu o sistema de coordenadas, os limi-
tes, a direção e a aceleração dos elementos vetoriais
representativos do progresso econômico.

O programa de metas ao qual já aludi diversas 367
vêzes está firmemente enquadrado nesta orientação e,
mercê de sua subordinação às exigências essenciais da
segurança nacional, adquiriu, assegurado êsse elemento
fundamental, a exequibilidade. Erram aquêles que,
sem poderem contestar-lhe os evidentes benefícios,
negam-lhe, porém, a possibilidade de consubstanciação,
por falta de recursos financeiros. Fixamo-lo, pelo con-
trário, tendo em vista sua integração no quadro de

nossas possibilidades reais; sabedores de que, para assumir feição realista e não levar apenas a um surto episódico, o desenvolvimento econômico deve ser funcionalmente condicionado por duas correntes de fatores: cumpre, em primeiro lugar, que o esforço de investimento não leve a uma agravação do processo inflacionário, mas antes crie condições para um retorno à estabilidade. A segunda limitação se radica em nossa insuficiente capacidade de importar, o que parcialmente subordina a execução das metas a uma entrada substancial de financiamentos ou investimentos diretos estrangeiros.

368 Ambas essas condições limitativas levaram, em vários casos, à fixação de metas em nível modesto, para ajustar as necessidades aos recursos. Em outros, foram elas estabelecidas em caráter ainda condicional. Em nenhum caso, porém, se procurou ignorar o problema da insuficiência de recursos através do expediente ilusório de financiamento inflacionário, por via de expansão monetária e creditícia.

369 No caso das metas entregues à iniciativa particular, prevê-se que os recursos provenham da capitalização própria das empresas, suplementada, às vezes, por subvenções do Poder Público; a este cumpre, destarte, criar condições favoráveis para que a poupança privada, nacional ou estrangeira, se desvie de atividades especulativas ou do consumo suntuário, para se lançar na grande aventura industrial.

370 É, porém, no tocante aos investimentos de natureza pública ou semipública que maior é o perigo de planos demasiado ambiciosos, em descompasso com os recursos existentes ou previsíveis.

371 Se bem que boa parcela do programa de metas represente apenas uma tentativa de coordenar e sis-

tematizar investimentos que normalmente vinham sendo feitos de forma onerosa e pouco produtiva, através do mecanismo orçamentário, é indubitável que, na maioria dos casos, a execução das metas implica esforço de investimento além dos níveis que vinham sendo normalmente alcançados. Sem prejuízo do contínuo esforço que o Governo vem mantendo para re-frear as despesas de custeio, a programação de metas seria irrealística se não implicasse um levantamento de novos recursos, através de técnicas tributárias destinadas a transferir, em benefício de aplicações prioritárias, disponibilidades que, se deixadas em mãos do setor privado, poderiam ser entregues ao consumo ou utilizadas para inversões de menor urgência econômica e social.

Prova cabal do nosso esforço neste sentido é, por exemplo, a revisão da legislação sobre o imposto único de combustíveis, tornando-se *ad valorem* a incidência dessa tributação, o que permitiu garantir à Petrobrás os recursos necessários a seu programa de trabalho. Outras ilustrações desta orientação são fornecidas pela legislação que prorrogou a vigência dos fundos aplicados pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, pelos projetos, atualmente em discussão no Congresso, dos Fundos Portuários, do Fundo de Marinha Mercante, da nova legislação sobre Energia Elétrica, etc. 372

Sucinta análise dos montantes em cruzeiros e em divisas necessários ao Programa de Metas, esclarece que o esforço planejado é compatível com nossas possibilidades. 373

A provisão para o período 1957-1961 indica um total de 301 bilhões de cruzeiros, dos quais 65 bilhões para compra de divisas; dos 236 restantes, 113 provi- 374

rão do Orçamento da União, 29 bilhões dos Estados, 100 bilhões da iniciativa privada ou das empresas estatais, e o pequeno saldo final, de financiamentos públicos ou privados do país.

375 Como, dos 113 bilhões que se demandam do Orçamento da União, cerca de 62 se originarão em fundos vinculados em lei — como o Fundo Rodoviário, o Fundo de Eletrificação, etc., somente 51 bilhões, em 5 anos, deverão provir da parte não vinculada do Orçamento, o que será perfeitamente realizável, sem sacrifício maior para outros setores não contemplados no Programa de Metas. Por sua vez, os fundos estaduais estão, em sua maioria, garantidos em leis próprias. Finalmente, os recursos privados ou de reinvestimentos de empresas estatais foram previstos com toda segurança, sendo que os recursos para financiamentos, principalmente por intermédio do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, estão plenamente assegurados.

376 Quanto à obtenção de divisas, o programa de metas exige, entre 1957 e 1961, cerca de 2 bilhões 318 milhões de dólares, dos quais 150 milhões virão sem cobertura cambial, 1 bilhão 266 milhões serão efetivamente pagos no período e 902 milhões terão pagamento deferido até 1962.

377 Se olharmos para a distribuição no tempo desses 2 bilhões 318 milhões de dólares, verificamos que 582 correspondem a financiamentos já registrados na SUMOC, 784 a financiamentos em processo de registro definitivo, 282 a financiamentos em negociações avançadas, restando pois 670 milhões de dólares que deverão ser financiados a médio e longo termo, ou adquiridos diretamente no mercado do câmbio, em quatro anos, o que é perfeitamente razoável.

Um estudo muito cuidadoso foi feito de nossos compromissos financeiros no exterior, e uma análise detalhada do balanço de pagamentos nos permite concluir que poderemos realizar o programa de metas mesmo na hipótese de queda de nossas exportações em futuro imediato. Ainda que não tenhamos disponibilidades cambiais para importações perdulárias, é certo que a própria realização das metas, ao eliminar grandes demandas de importação, tenderá a fortalecer de muito nosso balanço de pagamentos. A execução do programa importa numa liberação efetiva de divisas, no período de 1956 a 60, de 420 milhões de dólares, nos setores de siderurgia, alumínio, álcalis, indústria automobilística e petróleo. 378

É um fato insofismável — a defesa nacional liga-se à realidade econômica do país. Não vos direi nada de novo afirmando-vos que hoje, mais do que nunca, não há poder militar eficiente sem possibilidades financeiras. 379

As contingências do Brasil não permitem, e de longa data, que o aparelhamento de nossa defesa armada corresponda, em valor e qualidade, a razões de existência do poder militar. 380

E, mesmo assim, vale consignar que, se não gastamos tudo o que seria necessário para que a nossa defesa fôsse plenamente atendida, gastamos com ela tudo o que podemos em relação aos nossos bem limitados recursos. Essa deficiência mais se agrava face aos aspectos inusitados da defesa moderna, aos seus meios extraordinariamente evoluídos, ao alto desenvolvimento tecnológico que implica, ao seu custo enorme. 381

Assim, cumpre-nos a nós, homens de Estado, lutar com decisão e por todos os meios para, tendo em conta o que é realizável, evitar o envelhecimento de normas 382

militares e a situação onerosa e inútil de meios obsoletos.

383 Dispomos, felizmente, de um capital precioso, constituído por valores profissionais, que honram a tradição militar do país e que inspiram decidida confiança, além de uma valiosa estrutura, sem a qual não haveria modernização e recuperação possível.

384 Nessa elite, no generoso espírito que a anima, no seu admirável sentimento de classe, no respeito que ela inspira, reside, mais ainda do que nos seus meios de ação, a garantia da segurança nacional e, através desta, da própria unidade brasileira. Tudo continuará a ser feito, por parte do Governo, para que a integração das Forças Armadas acompanhe o desenvolvimento do país, dentro de sua época, no sentido de que corram paralelos, e não antagônicos.

385 Espero haver evidenciado o estreito entrosamento do desenvolvimento econômico com o conceito de segurança nacional. Dinâmicos e evolutivos ambos, têm de se completar, e, na minha obra de Governo, jamais cogitarei de um, sem sincronizá-lo com o outro.

386 Não obstante a íntima ligação entre os conceitos de segurança nacional e de desenvolvimento econômico — tese à qual desejava emprestar especial realce, já que forma a sistemática de meu programa de Governo, mister é reconhecer que aquêle transcende a éste, por ser a segurança nacional a verdadeira condição determinante da vida do país em todos os campos.

387 No campo interno, é a segurança o princípio que preside à manutenção do clima de respeito à Constituição e à forma democrática de governo; é o que constitui a garantia de que o processo democrático não envereda pelo caminho do parcelamento das institui-

ções, nem cede à tentação de fragmentar-se. É a própria força aglutinante do processo democrático; é a garantia da continuação na variedade, da unificação na multiplicidade.

Sua influência é nítida na aprovação dos grandes projetos de interesse público, quer no campo da construção material, como Três Marias, que importa na regularização do curso do São Francisco, e Furnas, quer nas medidas de fiel cumprimento das determinações da Constituição, como a interiorização da capital federal, ou nas providências que consolidam o regime democrático, como a reforma da Lei Eleitoral. Nestas, como em tôdas as ocasiões em que estão em jôgo os alicerces mesmos da nacionalidade, o conceito de segurança nacional representa o papel de força unificadora e propulsiva, não obstante o embate de facções políticas antagônicas, não obstante os jogos de interesses partidários. 388

No âmbito internacional, a política brasileira tem por base a manutenção da paz, orientada pelo desejo do entendimento entre os povos e o respeito às convicções e idéias alheias; defendemos a liberdade, a dignidade da pessoa humana e a nossa soberania. 389

A vitória da técnica sôbre as distâncias geográficas, aproximando as nações, veio a constituir, sem dúvida, um dos meios mais impressionantes e de maiores conseqüências no mundo moderno, para que os séres se entreajudem, ao invés de se entredevorarem. 390

Condenamos cada vez mais, e de forma categórica, a imposição de ideologias, não importa quais sejam, pela força, pela brutalidade. Nossa repulsa é firme e definitiva no que toca a tôda espécie de luta contra raças. É sempre oportuno repetir essa nossa posição, uma das nobilíssimas características da alma nacional. 391

- 392 Sabemos ser indispensável que as idéias de liberdade e os próprios sentimentos cristãos se defendam, não apenas como desejos, votos, palavras, mas ainda com outros elementos também convincentes. Embora se tenha estreitado o mundo, as desigualdades, diferenças e antagonismos, em lugar de empalidecerem, adquiriram aspectos de suma gravidade.
- 393 Se bem que não hajam esmaecido as esperanças de ser possível a convivência entre os grupos ideológicos que dividem o mundo, força é concluir que o problema da segurança das nações e dos povos tem direito a uma prioridade incontestável.
- 394 Ficaria incompleta a referência à nossa política externa, se não ressaltasse o novo e promissor espírito que anima as relações dos países desta parte do Continente. O meu Governo tem se revelado extremamente adepto de intensificar ao máximo os entendimentos entre os povos sul e centro-americanos. Sermos menos pobres à medida que formos mais unidos. Quanto mais nos compreendermos e nos auxiliarmos mutuamente, tanto mais estaremos aptos a enfrentar a crise que é um pouco de todo o mundo.
- 395 A criação de um sentimento de união sul-americana é uma fatalidade social, política e econômica que acolhemos com felicidade. Tudo faremos para antecipar seu advento e reunir, pelos laços do comércio, do intercâmbio cultural e técnico, os membros de uma só família, separados apenas geograficamente.
- 396 Resultados concretos dessa orientação se patenteiam na União Pan-Americana, e nas Nações Unidas. O recente Tratado com a Bolívia e a Conferência de Buenos Aires mostram a natureza generosa, porém prática, dos entendimentos entre os povos do nosso Continente — política que, colocada em sua perspec-

tiva histórica, não constitui senão a continuação e a atualização da obra dos grandes estadistas brasileiros.

Nestas minhas considerações, que não desejo se alonguem mais ainda, examinei alguns aspectos da segurança, principalmente nas suas ligações entre o setor econômico e o setor militar. Outros há, entretanto, como as forças espirituais e morais, que se integram no todo e constituirão matéria para o vosso exame acurado, no decorrer do curso que hoje se inicia. A Família e a Igreja, cujas raízes mergulham em nossa tradição, devem ser protegidas com desvêlo, pois são fatores que contribuem sólidamente para unir os três elementos essenciais de uma nacionalidade; a Terra, o Homem e as Instituições. 397

Consideração alguma terá sentido, se os brasileiros não corresponderem ao que dêles se requer para o engrandecimento dêste país; e o que se requer é, em primeiro lugar, a conservação da esperança, a energia criadora, a decisão de vencer as dificuldades e o sentido da realidade, sem o qual não há povo satisfeito, nem obra duradoura. 398

Por isto o problema da orientação e da formação de nossa mocidade deverá ser um dos temas principais desta e de tôdas as Escolas que como esta se preocupam com o destino da nossa vida. Temos de cuidar, com urgência, de que as gerações novas se preparem para uma luta imensa pelo nosso país, uma luta que será sempre maior na medida em que o Brasil fôr maior. 399

Que as nossas esperanças e o nosso ânimo de pugnar pelo alevantamento progressivo de nossa terra e de nosso povo e de lutar pela segurança da nacionalidade recebam os estímulos das próprias dificuldades e incompreensões. 400